

MANIFESTAÇÕES NO DIA 15 DE MARÇO: UMA ANÁLISE EM *VEJA* E *CARTACAPITAL*

*Demonstrations of March 15: an analysis in *Veja* and *CartaCapital**

Rejane de Oliveira Pozobon*
Carolina Siqueira De David**

RESUMO

Este artigo analisa os enquadramentos propostos pelas revistas *Veja* e *CartaCapital* acerca das manifestações que ocorreram no Brasil, no dia 15 de março de 2015. O conceito norteador desta pesquisa foi o enquadramento (GAMSON; MODIGLIANI, 1989; GOFFMAN, 1986; ENTMAN, 1993), visto que o mesmo tem uma perspectiva tanto teórica como metodológica. Outro conceito utilizado para nos ajudar a compreender o fenômeno foi de campos sociais com base em Rodrigues (1990, 1999) e Bourdieu (2012). Ao final, podemos observar que ambas as revistas trazem enquadramentos similares no momento em que focalizam a fragilidade do governo Dilma, por exemplo. Porém, ao longo da análise, podemos ver que *CartaCapital* traz uma abordagem mais contextual e problematizada para pensar as manifestações.

Palavras-chave: Enquadramentos. Manifestações em 15 de março. Revista *Veja*. Revista *CartaCapital*.

* Doutora em Ciências da Comunicação. Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Política da UFSM/CNPq. *E-mail:* rejanepozobon@gmail.com.

** Universidade Federal de Santa Maria (Brasil). Jornalista. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Política da UFSM/CNPq. *E-mail:* caroldedavid@hotmail.com.

Data da submissão: 18/8/2016.

Data do aceite: 28/8/2016.

ABSTRACT

This work aims to analyze the frameworks proposed by magazines *Veja* and *CartaCapital* about the demonstrations that occurred on March 15, 2015 in Brazil. The guiding concept of this research was the framework as it has a theoretical and methodological perspective. Thus, we are supported by Gamson and Modigliani (1989), Goffman (1986), Entman (1993). Another concept used to help us understand the phenomenon was social fields, based on Rodrigues (1990, 1999) and Bourdieu (2012). At the end, we can see that both magazines bring similar frameworks at the time they focus on the fragility of Dilma's government, for example. However, during the analysis, we can see that *CartaCapital* brings a more contextual and historical approach to think about the demonstrations.

Keywords: Frameworks. Demonstrations March 15. *Veja* magazine. *CartaCapital* magazine.

Introdução

Uma grande parcela das pessoas sabe que a mídia, ou seja, todos os meios de comunicação em massa, em seus vários suportes (jornal, televisão, rádio, internet), participam de nossa vida de diversas formas. O modo como uma notícia é relatada afeta o modo de pensar, bem como atitudes e comportamento. Para Silva (2007, p. 87) a mídia “é uma preponderante agência de socialização de valores, portanto, uma agência privilegiada de produção de sentido”.

Segundo Alsina (2009, p. 113), “a produção da notícia é um processo complexo que se inicia com um acontecimento”. Então, a partir do acontecimento, que é um fenômeno social determinado historicamente e culturalmente (ALSINA, 2009), os veículos vão decidir qual deles merece ser notícia. Esse pensamento encontra o de Traquina (1999, p. 169): “As notícias são o resultado de um processo de produção, definido como percepção, seleção [sic] e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)”. É nesse momento, de determinar a atenção do público para tal tópico, que entra em ação o poder da mídia. Para McCombs (2009, p. 42) “independentemente do veículo, um foco restrito sobre poucos temas transmite uma mensagem poderosa a uma audiência sobre quais são os mais importantes tópicos do momento”.

Para Alsina (2009) são três os elementos essenciais para o acontecimento: 1) a variação do ecossistema; que seria tudo que quebra a norma do dia a dia; 2) a comunicabilidade, que seria o fato de o acontecimento virar notícia e entrar no mercado da comunicação, gerando um efeito multiplicador; e

3) a implicação do sujeito, relacionada com o impacto da informação do acontecimento no destinatário da mensagem. Aproximando esse conceito do *corpus* analisado, podemos dizer que as manifestações são coerentes com os três elementos citados por Alsina (2009). Elas foram um acontecimento atípico na vida cotidiana, ou seja, quebraram a norma do dia a dia. Também geraram um efeito multiplicador em termos de comunicabilidade quando vários meios televisivos cederam espaço da sua programação para acompanhar, em tempo real, os diversos locais das manifestações, ou quando foram noticiadas e comentadas em vários meios jornalísticos na televisão, no rádio, na revista, nas redes sociais. E, por fim, elas geraram impacto no cotidiano dos sujeitos que receberam a notícia do acontecimento, seja no que tange aos comentários com outras pessoas que viram as notícias, seja na influência no próprio modo de pensar dos mesmos.

Essa influência que os acontecimentos têm na consciência dos sujeitos pode ser assim entendida de acordo com Rebelo (2005, p. 56): “O acontecimento é explicável e explicativo. Explicável através da produção de narrativas. Explicativo pelo poder que transporta, como revelador daquilo que transforma, nas coisas e nas pessoas.” Essa ideia encontra a de Rothberg (2014) que diz que as narrativas padronizam e simplificam os textos, a fim de retirar a complexidade dos fatos originais e, assim, os disponibilizam para o consumo, de maneira a corresponder à produção industrial de notícias, pois, para ele, “o público estará mais disposto a escolher para leitura, no curto tempo do qual supostamente dispõe, a notícia que mais facilmente estiver embebida em uma narrativa mitológica acessível e atraente”. (ROTHBERG, 2014, p. 415).

Esse poder de influência que a mídia detém hoje está profundamente ligado à sua legitimação dentro de um campo social: o campo dos *media*.¹ Ao passo que a humanidade chegou à modernidade, aconteceram diversas mudanças. Em vez de explicações ligadas às crenças, religiosidades e tradições, a modernidade está ligada à fundamentação racional dos saberes, processo conhecido como secularização. As universidades criadas na Europa são um exemplo desse processo do papel do sábio ao do especialista, processo esse intrinsecamente ligado à autonomia dos campos sociais e, por consequência, à formação de um corpo social que tem legitimidade para falar sobre certo domínio de competência. (RODRIGUES, 1999).

Bourdieu (2012) acredita que cada instituição tem seus valores e regras que a legitimam e também legitimam quem está dentro dessa instituição como

¹ Usamos a palavra *media* quando nos referirmos ao conceito de campos sociais de Rodrigues (1990, p. 152). Para o autor, o campo dos *media* é uma instituição de mediação que abarca “todos os dispositivos, formal ou informalmente organizados”.

“detentor do saber”. Essa ideia vai ao encontro de Rodrigues (1999, p. 18), que afirma que um campo social é “uma instituição dotada de legitimidade indiscutível, publicamente reconhecida e respeitada pelo conjunto da sociedade, para criar, impor, manter, sancionar e restabelecer uma hierarquia de valores”. Ou seja, cada campo social tem uma axiologia própria, bem como sacralizações que o distinguem de outros campos. As suas práticas, costumes e discursos são os rituais que os caracterizam, assim como tatuagens, emblemas, insígnias. Dessa forma, a família, o militar, político, científico, religioso, jurídico e a mídia, por exemplo, são indiscutivelmente campos sociais.

Todos os campos sociais coexistem compartilhando suas axiologias e formas simbólicas de visibilidade. “Desta composição dos processos e das funções entre os diferentes campos sociais resultam reflexos que se projectam [sic] em cada um dos campos e o atravessam.” (RODRIGUES, 1990, p. 149). Para o autor, um campo é tanto mais forte quanto mais conseguir impor a sua axiologia a outros campos. Antigamente, o campo religioso era fortemente poderoso porque conseguia incidir sobre vários outros, como o científico, o político e a família, por exemplo.

O campo dos *media*, por seu caráter especular e dessacralizado, tem a função de mediar as tensões entre os campos sociais existentes, uma vez que eles concorrem entre si para impor o seu ponto de vista à sociedade. Dessa forma, as estratégias usadas por esse campo (dos *media*) podem ser tanto de cooperação, que funciona como uma justaposição de interesses e objetivos de diferentes campos, como de conflito, ou seja, a excitação das divergências e antagonismos. (RODRIGUES, 1990).

Nesta pesquisa, podemos ver o campo dos *media* em profunda relação com o campo político. Essa relação provém, muitas vezes, da necessidade que ambos têm um do outro. O campo político precisa do campo dos *media* para ter visibilidade e legitimidade, e o campo dos *media* precisa do campo político para existir como tal. Também podemos ver a relação do campo jurídico agindo, em algumas matérias, conjuntamente com os já citados acima.

Brevemente delineados os conceitos de *acontecimento* e de *campos sociais*, explanamos, agora, sobre a perspectiva teórica do enquadramento e, no segundo momento, sobre sua perspectiva metodológica. Logo depois, apresentamos nossa análise e, por fim, as considerações finais.

Perspectiva teórico-metodológica do enquadramento

O conceito de enquadramento começou a ser pesquisado na área da psicologia, a partir de trabalhos como o do psicólogo social Gregory Bateson. Já em 1974, o sociólogo Erving Goffman publica o livro *Frame analysis: an essay on the organization of experience* e cria seu próprio conceito de enquadramento. O autor dedica-se a pensar como os indivíduos organizam sua experiência social a partir de interações, ou seja, a maneira como as pessoas tornam o mundo ao seu redor compreensível. Goffman (1986) afirma que um indivíduo, ao reconhecer determinado acontecimento, tende a empregar o que denomina “enquadramentos primários”. Esses enquadramentos não remetem a nenhuma aplicação anterior ou *original* e acabam dando significado a algo aparentemente banal do cotidiano. Para o autor, “enquadramentos primários” variam em níveis de organização. Alguns são nitidamente apresentáveis como sistemas de entidades ou regras, e outros, na maioria, aparentam não ter formato nenhum, mas promovem grandes conhecimentos, abordagens e perspectivas. Independentemente do nível de organização, cada enquadramento permite ao indivíduo localizar, perceber e identificar um número infinito de acontecimentos. (GOFFMAN, 1986).

Dessa forma, cada acontecimento ou experiência cotidiana constitui uma espécie de plano de fundo em nossas mentes que organiza e determina nossas atitudes futuras, bem como compõe um elemento central à cultura de cada grupo social. Uma definição clássica sobre enquadramento e que até hoje é tomada, muitas vezes, como ponto de partida para estudos da comunicação é a de Entman.

O enquadramento envolve essencialmente *seleção e saliência*. Enquadrar é *selecionar alguns aspectos de uma dada realidade e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito*. (ENTMAN, 1993, p. 52, tradução nossa, grifo do autor).

Segundo Campos (2015), enquadramentos são discursos em uma organização formal que dependem da identificação dos seus elementos constitutivos – aquilo que William Gamson e outros autores chamam de “elementos de assinatura”. Para os autores, esses elementos estariam dentro de *pacotes interpretativos*. Vimieiro e Maia (2011) explicam que, para Gamson e Modigliani, os *pacotes interpretativos* possuem símbolos

condensados, que seriam os dispositivos (que são o cerne no enquadramento) e que se mostram no texto por meio de metáforas, exemplos, *slogans* ou chavões, representações e imagens visuais.

A ideia de pacotes está relacionada à análise indireta do enquadramento visto que, para autores como Matthes e Kohring (2008), o enquadramento é um certo padrão que é composto de vários elementos que não são palavras, mas componentes previamente definidos ou dispositivos. Dessa forma, essas duas ideias compõem a parte metodológica desta pesquisa.

2 Análise em *Veja* e *CartaCapital*

Passa-se, agora, à análise dos enquadramentos da mídia acerca das manifestações no dia 15 de março. Na revista *Veja*,² ed. 2.418, ano 48, publicada no dia 25 de março de 2015, encontramos três matérias³ relacionadas ao assunto. Seguem os títulos com suas respectivas paginações: “O governo vai ter de ouvir” (p. 17, 20-21); “As regras do jogo” (p. 58-59) e “Há multidões em mim” (p. 90-91).

Figura 1 – Capa da *Veja*, ed. 2.418



Fonte: Revista *Veja*.

² Criada em 1968, a revista semanal *Veja* faz parte da Editora Abril.

³ Os dispositivos com baixa ocorrência foram excluídos. No dispositivo *imagens visuais* são destacadas, ao longo da análise, apenas as fotos mais emblemáticas.

Figura 2 – Capa da *CartaCapital*, ed. 842



Fonte: Revista *CartaCapital*.

Na revista *CartaCapital*,⁴ ed. 842, ano 21, publicada também no dia 25 de março de 2015, encontramos cinco matérias: “Começar de novo?” (p. 14-17); “O Brasil explica a si mesmo: Estado patrimonialista, governo no breu, povo no limbo pela prepotência de uma elite predadora” (p. 18-21); “O fim do mito da civilidade política: a grosseria, fanfarronice e vulgaridade exibidas pela direita antes da ditadura renascem com força no cenário” (p. 22-23); “Sobre marchas e contramarchas: nas almas dos revoltados brasileiros fumegam os miasmas do atraso oligárquico e os vapores da barbárie tecnológica hipermoderna” (p. 24-25) e “A era da fúria: o tom raivoso e intransigente das manifestações é expressão de uma tendência mundial” (p. 26-27).

Através da análise dos dispositivos citados acima, acreditamos haver a possibilidade de identificar, em cada revista, uma ideia organizadora que se perpetua ao longo do texto. No dispositivo *representações* definimos seis categorizações: 1) **alcance/ampliação das manifestações**: que engloba frases que falam sobre a quantidade envolvida de pessoas nas manifestações, bem como o sentimento gerado pelas mesmas; 2) **simplificação/generalização das causas geradoras das manifestações**:

⁴ Criada em 1994, a revista semanal pertence, hoje, à Editora Confiança.

composta por frases que falam sobre as causas das manifestações, ou seja, o motivo pelo qual as pessoas se manifestaram, porém são frases simples e genéricas; 3) **vulnerabilidade da presidente e/ou de seu governo como elemento propulsor das manifestações**: engloba frases que falam estritamente sobre a presidente ou seu governo como causadores das manifestações ou elementos que destacam a fragilidade do governo Dilma; 4) **perfil das manifestações ou dos manifestantes**: destinadas as frases que falam sobre o comportamento e as atitudes dos participantes das manifestações; 5) **participação da mídia no contexto das manifestações**: engloba frases que dizem sobre a influência da mídia tradicional nas manifestações; e 6) **elementos questionáveis nas manifestações**: são destinadas as frases que questionam o número real de pessoas que estavam protestando, bem como quem são os grupos apoiadores das manifestações.

Análise em Veja

Quadro 1 – Matéria “O governo vai ter de ouvir”

Dispositivos de Enquadramento
<p>Metáforas:</p> <p>“O gigante acordou e não vai dormir mais tão cedo.” (p. 17). “A possibilidade [de <i>impeachment</i>]⁵ sempre vai estar no nosso radar.” (p. 21).</p>
<p>Exemplos:</p> <p>“Você viu a quantidade de crianças, que havia nas manifestações de domingo em São Paulo e nas outras cidades? Elas vão crescer com outra cabeça, com uma tolerância muito menor do que a nossa para esses abusos do governo.” (p. 20). “Uma das muitas falsas premissas que a gente ouve por aí é que a Polícia Militar é parcial, é “do mal”, está sempre “contra o povo”. Mas o que foi que se viu no domingo? Nenhuma vitrine quebrada, tudo acontecendo em plena ordem.” (p. 20).</p>
<p>Representações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Alcance/ampliação das manifestações</i> <p>“No dia 4 de outubro do ano passado, Rogerio Chequer, de 46 anos, era uma das cinco pessoas presentes a um protesto</p>

⁵ [de *impeachment*] foi acrescentado pelas autoras.

convocado por ele contra o governo da presidente Dilma Rousseff [...]. Menos de duas semanas depois, eram 300 manifestantes que comparecem ao mesmo ato. No domingo 15, Chequer estava entre mais de 1 milhão de pessoas na maior manifestação política em 30 anos de democracia no Brasil". (p. 17). "Mas acho que o fato novo é que antes as pessoas não sabiam o que fazer com a indignação e agora sabem". (p. 20). "Então, sinto que agora começamos a descobrir como canalizar essa energia". (p. 20).

- *Simplificação/generalização das causas geradoras das manifestações*

"O brasileiro é acomodado, dificilmente se engaja, sobretudo politicamente." (p. 20). "Nós, do Vem pra Rua, decidimos pelo seguinte caminho: em vez de tentarmos enumerar todos os erros do PT, apenas chamamos as pessoas para manifestar sua indignação." (p. 20). "Para ficar claro: de onde devemos começar a mudança? De cima, é o que achamos." (p. 20).

- *Perfil das manifestações ou dos manifestantes*

"Outra característica que chamou atenção em protestos como o de São Paulo foi a relação amigável que se viu entre as pessoas que foram às ruas e os policiais militares". (p. 20). "Em primeiro lugar, quem fala isso não esteve nas manifestações para ver o que aconteceu, porque, se tivesse ido, teria visto brancos, pardos, negros, gente mais velha, gente mais nova". (p. 20).

Imagens visuais

Foto de Rogério que ocupa em torno de 50% de uma página da matéria. Mostra o empresário sentado, bem-vestido, com aspecto tranquilo, sorrindo para a câmera.

Fonte: As autoras.

Quadro 2 – Matéria “As regras do jogo”

Dispositivos de Enquadramento
<p>Metáforas:</p> <p>“Quedas de presidentes não são um evento banal.” (p. 58).</p>
<p>Exemplos:</p> <p>“Um em cada quatro manifestantes que foram à Avenida Paulista [...] defendeu o <i>impeachment</i> da presidente Dilma Rousseff, segundo uma pesquisa do Datafolha. Só a corrupção foi mais citada como motivo para ir à marcha”. (p. 58). “Segundo o estudo, são quatro os fatores de instabilidade que levam à queda de presidentes: problemas na economia, mobilizações de rua, queda de popularidade e perda de maioria no Congresso. A presidente Dilma enfrenta todos esses em maior ou menor grau”. (p. 58). “No entanto, a ausência de um processo judicial ajuda a reforçar o argumento de quem é contra o impeachment, de que não há fatos concretos que justifiquem cassar um presidente”. (p. 58).</p>
<p>Representações:</p> <ul style="list-style-type: none">• <i>Vulnerabilidade da presidente e/ou de seu governo como elemento propulsor das manifestações</i> “Quem pode pedir o <i>impeachment</i> da presidente? Qualquer cidadão, entidades representantes da sociedade civil ou parlamentares”. (p. 58). “Os principais pontos de contato (entre Collor e Dilma) são a grave crise política e a enorme rejeição da população – perto do <i>impeachment</i>, o então presidente era considerado ruim ou péssimo por 68%; ninguém jamais havia chegado perto desse índice, façanha conseguida por Dilma na semana passada, com avaliação negativa de 62%”. (p. 59). “No campo das diferenças, ainda não pesa nenhuma acusação de envolvimento pessoal da presidente no escândalo do petróleo, a não ser a afirmação do doleiro Alberto Youssef de que ela tinha ciência do esquema, o que, frise-se, não é pouco”. (p. 59).
<p>Imagens visuais:</p> <p>Nessa matéria, há duas fotos. Numa aparece a manifestação e três cartazes em que está escrito: “Fora DILMA, fora PT, fora CORRUPÇÃO.” E em outra, um grande cartaz diz: “Anos rebeldes. Próximo capítulo: FORA DILMA: IMPEACHMENT JÁ! Ass: povo brasileiro.” (p. 58-59).</p>

Quadro 3 – Matéria: “Há multidões em mim”

Dispositivos de Enquadramento
<p>Metáforas:</p> <p>“Há multidões em mim”. (p. 90). “E é óbvio que, em agrupamentos com essa quantidade de participantes, houve também no domingo gente desequilibrada (sempre me impressiona como um microfone e uma plateia são um verdadeiro Viagra para certas mediocridades)”. (p. 90). “Não precisamos de cabresto nem de esmola.” (p. 90). “Entendi que esse governo é uma página virada, e não faz sentido nutrir ódio de falecidos”. (p. 90). “E quem, descontente com esse mar de lama e inépcia que nos assola, não participou [da manifestação]⁶ deve estar remoendo de arrependimento.” (p. 91). “Com essa base e com os gordos cofres do governo à disposição, cindiria profundamente o Brasil, apostando no trololó da defesa dos oprimidos contra os interesses.” (p. 91). “Impedir esse governo de continuar afundando o país”. (p. 91).</p>
<p>Exemplos:</p> <p>“Que doce ironia do destino: o governo que insiste em nos separar foi justamente o catalisador do maior movimento de união nacional desde as Diretas Já.” (p. 90).</p>
<p>Representações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Alcance/ampliação das manifestações:</i> “Um movimento em que milhares de pessoas saíram da vida privada para a construção de algo maior, conjuntamente.” (p. 90). “Estávamos lá dizendo, a um governo que a mais de doze anos insiste na divisão, no sectarismo, [...] na cisão da sociedade, que, enfim, ele perdeu, [...] queremos mesmo é estar juntos”. (p. 90) “Estou vendo uma parte da nossa sociedade que até hoje foi majoritariamente inerte e passiva finalmente abraçar este país como sendo seu, assumindo suas responsabilidades de cidadão.” (p. 91). “O sentimento que ficou da passeata foi de energização e esperança.” (p. 91). • <i>Simplificação/generalização das causas geradoras das manifestações:</i> “Era um protesto da sociedade, não de partidos

⁶ [da manifestação] foi acrescentado pelas autoras.

políticos. Esse movimento não vai se deixar instrumentalizar por quem quer que seja, porque é espontâneo.” (p. 90).

- *Vulnerabilidade da presidente e/ou de seu governo como elemento propulsor das manifestações* “Todo governante incompetente ou pilantra (ou, como o atual, ambas as coisas) haverá de saber que nossa tolerância tem limites.” (p. 91). “Pode até ser que Dilma chegue ao fim do mandato, mas ficarei surpreso se ela conseguir efetivamente governar.” (p. 90). “Se Dilma tiver espírito público, entenderá que sua permanência no poder prejudica o país e renunciará.” (p. 91). “Não creio [que a presidente]⁷ consiga construir ou legar algo, porque a maioria da população – como demonstram os 62% de ruim ou péssimo no último Datafolha e os fantásticos painéis diante da TV – simplesmente não tolera mais ouvi-la”. (p. 91).

- *Perfil das manifestações ou dos manifestantes* “A passeata foi, por isso, feliz e festiva. O sentimento não foi de ódio, mas de plenitude, de realização.” (p. 90). “Os manifestantes da sexta-feira, naquele esquizofrênico “protesto a favor”, vestiam vermelho e bradavam palavras de ordem. No domingo, a massa vestia verde e amarelo, empunhava o pavilhão da pátria e a música mais repetida era o *Hino Nacional*.” (p. 90).

Imagens visuais:

Na foto dessa matéria, vemos várias pessoas vestindo verde e amarelo ou a camiseta do Brasil, com expressões carrancudas, como se estivessem bradando algo. Também vemos várias bandeiras do Brasil e um cartaz escrito “Dilma, não acredito mais em você”.

Fonte: As autoras.

Podemos ver que, na primeira matéria, estruturada em 15 perguntas diretas a Rogerio Chequer, líder do “Vem pra Rua”, há uma pedagogização por parte da revista. Essa pedagogização é feita no sentido tanto da organização do texto (em forma de perguntas) quanto de tentar responder a dúvidas

⁷ [que a presidente] foi acrescentado pelas autoras.

referentes às manifestações com perguntas explicativas como: “O que levou tanta gente a aderir aos protestos” e “Como se organiza uma mobilização como a de domingo em São Paulo?” Para Fischer, a mídia atua como “dispositivo pedagógico” e os meios de comunicação atuam, decisivamente, construindo significados e influenciando a formação dos sujeitos sociais, como segue:

Descrevemos o dispositivo pedagógico da mídia como um aparato discursivo e ao mesmo tempo não discursivo [...] a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si, práticas que vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem. (2002, p. 43).

A autora se refere, particularmente, ao estudo da televisão, porém acreditamos que todos os dispositivos midiáticos se propõem a ser o “grande lugar de educar, de fazer justiça, de promover a ‘verdadeira’ investigação dos fatos [...] e ainda de concretamente ‘ensinar como fazer’ determinadas tarefas cotidianas”. (FISCHER, 2002, p. 49).

Contudo, devemos saber de antemão que a mídia não é *neutra*. Os veículos midiáticos obedecem a estruturas e políticas editoriais. Dessa forma, para Innerarity (2001), eles não seriam acusados de manipular (claro que existem casos extremos), se partíssemos da premissa de que o compromisso dos meios não seria tanto com a informação, mas com o lucro.

Compreender o mundo contemporâneo exige ter-se compreendido previamente o modo como os meios de comunicação constroem a realidade, [...] é necessário ter compreendido que o que neles está em jogo não é tanto a verdade como o exercício de um conjunto de funções sociais como a estabilidade, o entretenimento, a absorção da insegurança ou a criação de boa consciência. (INNERARITY, 2010, p. 96-97).

Chequer é tratado pela revista como um empresário visionário e precursor da incitação desse momento de insatisfação. No momento em que a revista diz “em outubro de 2014, ele era uma das cinco pessoas presentes a um protesto convocado por ele contra o governo da presidente Dilma Rousseff” (p. 17), ele é colocado como uma pessoa inteligente, que previu o que aconteceria. Desse modo, a revista concede legitimidade a ele para falar que “o gigante acordou e não vai dormir mais tão cedo” (p. 17), e que ele

sente “[...] que agora começamos a descobrir como canalizar essa energia”. (p. 20).

Quando perguntado sobre o que achava quando “apoiadores do governo disseram que os últimos protestos representam um movimento da ‘elite branca’” (p. 20), Rogério afirma que, na verdade, houve nas manifestações uma integralização de classes, e quem tivesse ido às manifestações “teria visto brancos, pardos, negros, gente mais velha, gente mais nova”. (p. 20). Em relação ao governo de Dilma, Chequer diz que a “possibilidade (de *impeachment*) sempre vai estar no nosso radar” (p. 17), e que o “Vem pra Rua” em vez de tentar “enumerar todos os erros do PT”, apenas chamaram “as pessoas para manifestar sua indignação”. (p. 20). A ideia que temos dessa matéria é que agora a população estaria *acordada* e organizada, sintetizada na frase de Chequer: “O fato novo é que antes as pessoas não sabiam o que fazer com a indignação e agora sabem.” (p. 20).

Na segunda matéria, também há uma pedagogização por parte da revista. Já no título “As regras do jogo” e na estrutura de dez perguntas respondidas por especialistas, vemos uma demonstração de *regras* referentes ao processo de *impeachment*. A revista também se baseia num estudo que determina que “são quatro os fatores de instabilidade que levam à queda de presidentes: problemas na economia, mobilizações de rua, queda de popularidade e perda de maioria no Congresso. A presidente Dilma enfrenta todos esses em maior ou menor grau”. (p. 58).

A matéria explicita a vulnerabilidade da presidente dizendo que quem pode pedir o *impeachment* é “qualquer cidadão” (p. 58) e compara o governo atual ao de Collor, dizendo que ninguém, até então, tinha chegado perto do índice máximo de rejeição de Collor (68%), mas Dilma teria conseguido essa “façanha” (p. 59) atingindo 62%. A única imagem usada nessa matéria mostra vários cartazes pedindo “Fora Dilma, fora PT e fora corrupção”. Dessa maneira, a revista salienta que o norte das manifestações seria a saída de Dilma da presidência.

Na terceira matéria, é dada ênfase à integração da sociedade nas manifestações: “um movimento em que milhares de pessoas saíram da vida privada para a construção de algo maior, conjuntamente”, (p. 90). E é explicitado o fato de as manifestações serem *espontâneas*: “Era um protesto da sociedade, não de partidos políticos” (p. 90), assim como foi destacado o perfil “feliz e festivo” (p. 90) da mesma. Referências à vulnerabilidade da presidente e ao seu governo também aparecem em frases como: “Todo governante incompetente ou pilantra (ou, como o atual, ambas as coisas)” (p. 91); “impedir esse governo de continuar afundando o país” (p. 91) e “entendi que esse governo é uma página virada, e não faz sentido nutrir ódio de falecidos”. (p. 90). Assim como na matéria anterior, a única imagem

mostrada é das manifestações, na qual aparece um cartaz que era dirigido à presidente: “Dilma, não acredito mais em você”. (p. 90-91).

A foto da capa dessa edição explicita, novamente, a fragilidade do governo Dilma. Uma vez que nas matérias o foco é a presidente, esperaríamos vê-la também na capa, porém o protagonista é o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, numa foto que ocupa a página inteira, acompanhado da frase: “A súbita força de Eduardo Cunha: quem é, o que pensa e qual é o jogo do presidente da Câmara dos Deputados, que se tornou o político mais poderoso do Brasil.”

Dessa forma, por meio desta análise, podemos ver que alguns enquadramentos se destacam, dentre eles, a vulnerabilidade da presidente, que é apresentada como uma governante frágil em relação aos acontecimentos pautados pela revista. Nessa direção, a ideia organizadora do sentido leva o leitor de *Veja* a compartilhar da opinião de uma inconstância de governo de Dilma. Essa ideia organizadora nos induz a pensar sobre o conceito de personalização na política, que é quando as características pessoais do líder do partido se sobressaem sobre a carta programática e os assuntos políticos.

A tendência para atribuir uma maior centralidade ao desempenho e estilo do candidato, o carácter [(sic) negativo das notícias, assim como a divulgação das sondagens de opinião e da posição que os candidatos ocupam nelas, parece marginalizar os acontecimentos políticos importantes, levando a uma distância cada vez maior entre os eleitos e o mundo político. (NORRIS, 2002 APUD ANTUNES; LISI, 2015, p. 9).

A conclusão à que chegamos, de que a revista *Veja* pauta diretamente o governo Dilma, vai ao encontro da ideia de Motta (2002) que acredita que a mídia é uma instituição ideológica permeada por um “sistema de regras”, que regula o processo de seleção e divulgação de conteúdo. “Esse ‘sistema de regras’ existe, por exemplo, nos mecanismos de decisão editorial da imprensa burguesa, que vai governar a seleção de fatos e a linguagem das mensagens”. (MOTTA, 2002, p. 146).

Essa ideia também se relacionada à de Thompson (1998). Para ele, as indústrias da mídia, assim como outros campos, são orientadas essencialmente pela lógica do lucro e acumulação de capital, não havendo nenhuma correlação com o princípio de cultivo da diversidade. Por mais que o autor se refira à diversidade de meios de comunicação, acreditamos que a ideia também se relaciona à diversidade de pontos de vista.

Dispositivos de Enquadramento
<p>Metáforas:</p> <p>“É a pior fase do lulismo desde 2003.” (p. 14). “Não enxergam nele habilidade para compensar a falta de jogo de cintura da presidenta.” (p. 16).</p>
<p>Representações:</p> <ul style="list-style-type: none">• <i>Vulnerabilidade da presidente e/ou de seu governo como elemento propulsor das manifestações</i> “A administração inaugurada sob o lema ‘pátria educadora’ está obrigada a recomeçar do zero, como apelam conselheiros e aliados da presidenta”. (p. 14). “Acuada pelas manifestações pró-impeachment e pelas queixas contra o reajuste fiscal, sempre em choque com a classe política e tímida diante dos microfones, a presidenta vê seu ibope em queda livre e perto dos índices de Fernando Collor às vésperas da deposição.” (p. 14). “A presidente perde o ministro Cid Gomes, culpado por dizer verdades à Câmara e seu presidente, Eduardo Cunha.” (p. 15). “Depois afirmou [FHC]⁸ que a presidenta tem perdido as condições de governar e que, caso apareçam provas de seu envolvimento no escândalo da Petrobras, ‘a lei deverá ser cumprida’. (p. 16). “Não fosse a fragilidade política, o governo não precisaria se preocupar com a tentativa da oposição de usar as ruas para derrubá-lo”. (p. 17). “E vê nos eleitores dilmistas “um sentimento de abandono e traição”. (p. 17).• <i>Participação da mídia no contexto das manifestações</i> “Em seu plano de embaralhar o <i>impeachment</i> e as manifestações, o PSDB contou com o costumeiro apoio da mídia, diz o deputado Paulo Pimenta”. (p. 17)• <i>Elementos questionáveis nas manifestações</i> “No dia dos protestos, o senador Walter Pinheiro, da Bahia, leu na internet que um ministro estranhara os cálculos da Polícia Militar sobre o número de presentes”. (p. 17). “A PM exagerou, em São Paulo e Porto Alegre, no mínimo.” (p. 17).

⁸ [FHC] foi acrescentado pelas autoras.

- *Perfil das manifestações ou dos manifestantes* “A organização das marchas e o perfil de seus participantes evidenciaram a pouca disposição para conversa”. (p. 16.)

Imagens visuais:

Nessa matéria há uma foto que ocupa mais da metade de uma página e mostra a presidenta Dilma, caminhando cabisbaixa e corcunda, onde parece ser a escadaria do Planalto. Vemos apenas a fisionomia de Dilma, que está toda na cor preta, pois a foto é branca, preta e cinza. Na próxima página, há duas fotos interligadas por *box*: “Aécio Neves e FHC estimulam o caos.” A foto de cima mostra Aécio Neves vestindo a camiseta do Brasil, com seu filho no colo, acenando de uma janela.

Fonte: As autoras.

Quadro 5 – Matéria “O Brasil explica a si mesmo”

Dispositivos de Enquadramento
<p>Metáforas:</p> <p>“Bem disse a presidenta, a corrupção é senhora idosa”. (p. 20).</p>
<p>Representações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Vulnerabilidade da presidente e/ou de seu governo como elemento propulsor das manifestações</i> “Por isso, mesmo a gravidade do momento carece, de certa forma, de seriedade por resultar da pequenez moral e intelectual das personagens que a precipitam.” (p. 18). “Espanta, porém, que o PT a mantenha [a corrupção]⁹ em vida com dedicação total. Basta isso para explicar os dias de hoje? O vácuo de poder, a falta de liderança, a nau desgovernada?” (p. 20). “Atente para aquilo que haveria de ser óbvio, senhora presidenta: é a mesma mídia que está a transformar em heróis os senhores do PMDB que no momento controlam o Congresso e, se permitir, o seu próprio destino.” (p. 21). “Se Dilma busca a costumeira conciliação das elites, ao nomear Joaquim Levy para a Fazenda, ou fazer Rossetto e Cardozo seus porta-vozes, ou

⁹ [A corrupção] foi acrescentada pelas autoras.

acumular de publicidade a mídia paulista, ou anunciar programas anticorrupção, ou ao facilitar a saída de Cid Gomes do seu ministério, está profunda e irremediavelmente errada.” (p. 21).

- *Participação da mídia no contexto das manifestações* “É do conhecimento até do mundo mineral que a mídia nativa assumiu há muito tempo o papel de oposição, e foi decisiva para as marchas antidemocráticas de domingo 15”. (p. 21).

Imagens visuais:

Esta matéria possui quatro imagens visuais: a primeira, que ocupa metade da primeira página, mostra a despedida de Carlota Joaquina, pelo mar do Rio de Janeiro, em 1821, enquanto escravos acenavam adeus a ela. Em comparação, temos uma imagem das manifestações do dia 15 de março, no interior do Rio Grande do Sul, onde são mostradas algumas pessoas, que parecem ser de classe baixa assistindo à manifestação, na qual várias pessoas, brancas, estavam vestidas de verde e amarelo ou com camiseta do Brasil. Nas duas seguintes páginas de matéria, temos uma foto de *O Estado de São Paulo* com a manchete “Manifestação contra Dilma é a maior desde as ‘Diretas Já’ e do *O Globo* com a manchete “Democracia tem novo 15 de março”. As fotos são interligadas pelo seguinte Box: “Estes jornalões falavam em democracia salva quando do golpe de 64 e foram críticos ferozes das Diretas Já, que agora evocam como evento exemplar”.

Fonte: As autoras.

Quadro 6 – Matéria “O fim do mito da civilidade política”

Dispositivos de Enquadramento
<p>Metáforas:</p> <p>“Mais do que qualquer um dos demais presidentes pós-ditadura, (Dilma) conheceu o paraíso e o inferno da popularidade.” (p. 22).</p>

Representações:

Perfil das manifestações ou dos manifestantes “A grosseria, a fanfarronice e a vulgaridade da direita voltaram para ficar”. (p. 23). “O relevante e o perfil de quem protestou, segundo as pesquisas: eleitores de Aécio Neves”. (p. 23). “É estranho haver uma direita ativa, que vai à rua e defende suas ideias, mesmo o lixo ideológico do nazifascismo ou militarismo? Não na grande maioria dos países democráticos. Não no Brasil de antes da ditadura.” (p. 23).

Imagens visuais:

Foto que mostra um homem, nas manifestações, com uma camiseta amarela e um cartaz verde, gritando furiosamente com outro homem que está com uma bandeira vermelha atada nas costas. O *box* da foto contém a irônica frase: “Uma clara demonstração não só da cordialidade do brasileiro, mas do caráter democrático e pacífico dos protestos de domingo 15”.

Fonte: As autoras.

Quadro 7 – Matéria “Sobre marchas e contramarchas”

Dispositivos de Enquadramento
<p>Metáforas:</p> <p>“A política democrática está na lona golpeada pela descrença.” (p. 24).</p>
<p>Representações:</p> <p><i>Perfil das manifestações ou dos manifestantes</i> “Os manifestantes rodopiavam as palavras de ordem estampadas em faixas e cartazes, em uma algazarra de significados e insignificâncias.” (p. 24). “As tropelias e arreganhos dos manifestantes são explosões explícitas de ódio ao que está no mundo de modo diferente.” (p. 24). “As baixarias revelam sobretudo indigência cultural e o desprezo absoluto pelos valores do liberalismo político, o que nos coloca [...] na vanguarda do movimento de retorno à Idade da Pedra Lascada.” (p. 24). “As exaltadas conclamações para o retorno dos militares foram escoltadas por sugestões de desrespeito à lei e aos</p>

direitos individuais e coletivos.” (p. 24). “O Datafolha informa que 76% dos manifestantes têm nível superior. A cifra, em si mesma, é uma delação não premiada: o indicador está apontado para a impotência da educação em conter a degradação dos indivíduos na sociedade capitalista de massas.” (p. 25). “É a pretensão de quem advoga o golpe militar: eliminar os divergentes para faturar e corromper sem risco de ir para a cadeia.” (p. 25).

• *Participação da mídia no contexto das manifestações* “Os meios de comunicação de massa, compelidos pela disputa de audiência, são arrastados para o abismo da vulgaridade no afã de desinformar a ‘massa informe’”. (p. 25).

Imagens visuais:

Nesta matéria, há duas fotos: a primeira, pequena, no centro da primeira página, mostra uma parte das manifestações onde aparece uma boneca enforcada que representa a presidente Dilma. Na foto está escrito: “Sem refresco aos inimigos.” Na outra página, a foto é da multidão, várias pessoas com camisetas verde-amarelas, também há dois cartazes em que se lê: “Intervenção militar já”.

Quadro 8 – Matéria “A era da fúria”

Dispositivos de Enquadramento
<p>Metáforas:</p> <p>“A velha classe média luta por fazer a história voltar para trás e repor a plebe em seu lugar”. (p. 27).</p>
<p>Slogans ou chavões:</p> <p>“O brado de ‘você está conosco ou contra nós’, outrora reservado a guerras totais e revoluções violentas, agora ressoa em qualquer tema imaginável, de política econômica a crítica de videogames”. (p. 26).</p>
<p>Representações:</p> <p><i>Elementos questionáveis nas manifestações</i> “Os irmãos Charles e David Koch, notórios nos EUA como organizadores e financiadores do TeaParty e das campanhas contra o controle de armas e de</p>

negação do aquecimento global, agora aparecem também como financiadores da formação de jovens e de institutos ligados à liderança dos protestos contra o governo brasileiro.” (p. 27). “Obviamente é tolo supor que manifestantes ou eleitores são ‘pagos’ em massa, mas permitir a um punhado de jovens politicamente ambiciosos dedicar-se em tempo integral a uma agenda faz diferença, assim como o patrocínio de veículos e jornalistas.” (p. 27).

Imagens visuais:

Nesta matéria há duas fotos: a primeira, que ocupa grande parte do centro da página, mostra um homem, no que parece ser uma manifestação, gritando furiosamente. Atrás dele, aparece um cartaz em que está escrito: “Exigimos YA! Juicio y castigo. Criminal fascista killer”. O box da foto diz: “Classes médias tradicionais frustradas, exaltadas e preconceituosas tornaram-se parte da paisagem da América Latina”. A segunda foto mostra um cartaz com estes dizeres: “Maduro asesino”, e o box diz: “Venezuela, Argentina, Chile ou Brasil, a diferença é só de grau”.

Fonte: As autoras.

Na primeira matéria da revista *CartaCapital*, assim como em matérias da revista *Veja*, podemos ler certas frases direcionadas à presidente. Metáforas dizendo que nela falta “jogo de cintura” (p. 16) e frases como: “Acuada pelas manifestações *pró-impeachment* e pelas queixas contra o reajuste fiscal, sempre em choque com a classe política e tímida diante dos microfones” (p. 14), destacam sua vulnerabilidade. Porém, na análise de *CartaCapital*, aparecem duas novas categorizações: “elementos questionáveis nas manifestações” e “participação da mídia no contexto das manifestações”.

Na categorização “participação da mídia no contexto das manifestações”, são levantadas questões como a de Paulo Pimenta, que diz: “Em seu plano de embaralhar o *impeachment* e as manifestações, o PSDB contou com o costumeiro apoio da mídia.” (p. 17). A categorização “elementos questionáveis” é relativa à contagem de manifestantes presentes, aspecto no qual a revista afirma: “A PM exagerou, em São Paulo e Porto Alegre, no mínimo”. (p. 17)”. Outro aspecto pertinente de destaque é que, em contraponto à revista *Veja*, que disse que as manifestações foram “felizes e festivas” (p. 90), na revista *CartaCapital*, o perfil dos manifestantes é evidenciado como “pouca disposição para conversa”. (p. 16).

Na segunda matéria, a presidente e seu governo também são alvo de críticas em frases como: “Espanta, porém, que o PT a mantenha (a corrupção) em vida com dedicação total. Basta isso para explicar os dias de hoje? O vácuo de poder, a falta de liderança, a nau desgovernada?” (p. 20). Na imagem dessa matéria, vemos uma comparação entre os escravos, em 1821, vendo Carlota Joaquina indo embora pelo mar, que seriam os mesmos que, nos dias de hoje, foram as pessoas de classe baixa assistindo às manifestações.

Também nessa matéria aparece a nova categorização – explicitada no primeiro parágrafo: “Participação da mídia no contexto das manifestações”, na qual é inserida a frase: “A mídia nativa assumiu há muito tempo o papel de oposição e foi decisiva para as marchas antidemocráticas de domingo 15”. (p. 21). Essa frase reforça os estudos que propõem que a mídia é um agente político e também “instrumento de controle ideológico” e tem capacidade de influenciar decisões políticas.

A mídia não é só uma arena de expressão de forças políticas existentes, mas é também um ator político por direito próprio. Ela é um ator político na medida em que participa da construção da esfera pública, mas em alguns casos, seu caráter de empresa privada que busca o lucro pode fazer com que os interesses privados tenham prioridade sobre suas tarefas públicas. (HERMANN, 2015, p. 23).

Esta ideia – da mídia como ator político – é também ressaltada por Motta (2002, p. 23): “A escolha das matérias e a representação de ideais normativos nos textos jornalísticos [...] fazem com que a mídia seja mais que um veículo de expressão da opinião pública, ela participa ativamente de sua formação”.

Na terceira matéria, o perfil dos manifestantes é bastante evidenciado. A frase: “A grosseria, a fanfarronice e a vulgaridade da direita voltaram para ficar” (p. 23) deixa clara essa ideia, bem como a foto que mostra um homem, nas manifestações, vestindo verde-amarelo, gritando furiosamente com outro homem que está com uma bandeira vermelha nas costas. A foto contém o *box*: “Uma clara demonstração não só da cordialidade do brasileiro, mas do caráter democrático e pacífico dos protestos de domingo 15”. (p. 23).

Na quarta matéria, é evidenciado, com ainda mais crítica, o perfil dos manifestantes em frases como: “Os manifestantes rodopiavam as palavras de ordem estampadas em faixas e cartazes, em uma algazarra de significados e insignificâncias” (p. 24) e “As baixarias revelam sobretudo indignância cultural e o desprezo absoluto pelos valores do liberalismo político, o que

nos coloca [...] na vanguarda do movimento de retorno à Idade da Pedra Lascada”. (p. 24).

Nessa mesma matéria, a mídia é colocada como um veículo que, pela concorrência por audiência, é arrastado “para o abismo da vulgaridade no afã de desinformar a “massa informe”. (p. 25). A ideia dessa frase lembra-nos Thompson:

A mídia é um domínio no qual sérias preocupações foram banidas há muito tempo. Com o crescimento da comercialização da instituição da mídia, os ideais políticos e morais sustentados por alguns dos primeiros empreendedores foram substituídos por critérios de eficiência e lucratividade. (1998, p. 224).

A matéria também destaca os cartazes escritos: “Intervenção militar já” (como mostra a foto) e afirma que “as exaltadas conclamações para o retorno dos militares foram escoltadas por sugestões de desrespeito à lei e aos direitos individuais e coletivos”. (p. 24).

A quinta e última matéria analisada já traz no título o seu viés: “A era da fúria”. (p. 26). Nela é destacado que o tom raivoso, que foi comum nas manifestações, é uma tendência mundial. Uma foto que ocupa grande parte do centro da página exibe um homem, no que parece ser uma manifestação, gritando furiosamente. O *box* diz: “Classes médias tradicionais frustradas, exaltadas e preconceituosas tornaram-se parte da paisagem da América Latina.”

A categorização “elementos questionáveis nas manifestações” é visível neste texto, pois ele expõe que os financiadores do *TeaParty* “aparecem também como financiadores da formação de jovens e de institutos ligados à liderança dos protestos contra o governo brasileiro”. (p. 27). Na capa dessa edição, aparece a foto da presidente toda em preto, com a faixa de presidente com as cores do Brasil. A imagem explicita um certo “luto”, acoplado ao título: “O governo no breu”.

Dessa maneira, podemos ver mesmos enquadramentos entre as revistas *Veja* e *CartaCapital*, no sentido da vulnerabilidade da presidente, por exemplo. Mas é visível que a última revista analisada traz outros enquadramentos para pensar as manifestações. Entre eles, “elementos questionáveis” e “participação da mídia” nesse contexto. Enquanto a *Veja* diz que “Chequer estava entre mais de 1 milhão de pessoas na maior manifestação política em 30 anos de democracia no Brasil” (p. 17), *CartaCapital* afirma que “a PM exagerou, em São Paulo e Porto Alegre, no mínimo”. (p. 17). Enquanto *Veja* diz: “O sentimento que ficou da passeata

foi de energização e esperança” (p. 91) e que “o sentimento não foi de ódio, mas de plenitude, de realização” (p. 90), *CartaCapital* afirma que “as tropelias e arreganhos dos manifestantes são explosões explícitas de ódio ao que está no mundo de modo diferente”. (p. 24).

Sorg (2015) traz a ideia de “movimento de opinião” que contempla o fato de os manifestantes irem às ruas não por uma causa social, mas para expressarem suas emoções, que muitas vezes são de ódio como citado acima. As manifestações acabam sendo um aglutinado de emoções e ideias diferentes que não se caracterizam como “movimento social”.

Dessa forma, através da análise dos dispositivos em *CartaCapital*, chegamos à conclusão de que a ideia organizadora dessa revista traz uma abordagem mais histórica e problematizada do que a da revista *Veja*, de modo que ela visa a destacar o perfil dos manifestantes, bem como mostrar uma contextualização para pensar as manifestações.

Para Vimieiro e Maia (2011, p. 240) a abordagem cultural do enquadramento é “uma perspectiva mais ampla acerca dos *frames*, indica que não são apenas palavras, mas, sim, contextos e sentidos indiretos os responsáveis por um padrão específico de entendimento acerca de uma temática em um texto midiático”.

Também vemos a importância desse enquadramento nas palavras de Rothberg (2014) quando afirma que o enquadramento jornalístico contribui ativamente para a formação da cultura política do País e que pode intervir com a mesma força que uma instituição política.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar os enquadramentos da mídia acerca das manifestações que ocorreram dia 15 de março de 2015 no Brasil. Foram escolhidos como objetos a revista *Veja*, pertencente à Editora Abril, e a revista *CartaCapital* que pertence à Editora Confiança, ambas revistas impressas. A escolha dessas duas revistas se deu, em um primeiro momento, pelo fato de ambas terem grande circulação em território nacional. Outro fator importante na escolha é o de pertencerem a grupos distintos, o que poderia implicar uma diferença de tratamento do tema pelo viés de cada uma.

Visto que o conceito norteador deste trabalho é o enquadramento, e o mesmo dispõe de uma perspectiva teórica e metodológica, optamos por usar o mesmo conceito também no processo de análise. A escolha do enquadramento como metodologia ocorreu por meio da possibilidade de, através dele, achar uma ideia organizadora nos textos e, assim, conseguir

identificar o enquadramento que cada revista oferece ao tema. Para Carvalho (2009, p. 4) “os enquadramentos revelam as peculiaridades de cada veículo noticioso, em suas múltiplas inserções sociais, e, por isso, dizem para além de um componente operacional da lógica narrativa noticiosa”.

Após a análise, podemos perceber que as duas revistas trazem categorizações semelhantes quando enquadram as manifestações. Uma delas é o fato de abordarem a fragilidade do governo e da presidente Dilma. Porém, na categorização sobre o perfil dos manifestantes, podemos ver uma discordância entre as revistas. A revista *Veja* fala do caráter passivo das manifestações, enquanto a *CartaCapital* enfatiza atitudes grosseiras e vulgares dos manifestantes. *CartaCapital* também difere de *Veja* no momento em que traz outras duas categorizações para pensar as manifestações: a “participação da mídia no contexto das manifestações” e “elementos questionáveis”. Essas duas categorizações explicam a interferência da mídia tradicional nas manifestações, bem como grupos externos que estariam apoiando as mesmas. Encontramos, nas palavras de Thompson, esse caráter decisivo que a mídia assume na vida dos cidadãos:

A mídia se envolve ativamente na construção do mundo social. Ao levar as imagens e as informações para indivíduos situados nos mais distantes contextos, a mídia modela e influencia o curso dos acontecimentos, cria acontecimentos que poderiam não ter existido em sua ausência. (1998, p. 38).

Por fim, foi possível observar que a revista *Veja* traz um enquadramento direcionado à fragilidade e vulnerabilidade da presidente e de seu governo, enquanto a revista *CartaCapital*, uma perspectiva mais contextualizada e problematizada em relação aos manifestantes e à causa das manifestações.

Referências

ALSINA, M. R. *A Construção da notícia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ANTUNES, J.; LISI, M. As eleições legislativas de 2011 na imprensa: partidos, candidatos e temas da campanha eleitoral. In: SANTO, P. do E.; LISI, M. (Coord.). *Campanhas eleitorais, debates televisivos e propaganda: comunicação política e as eleições legislativas de 2011*. Covilhã, Portugal: Laboratório de Comunicação Online, 2015.

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CAMPOS, L. A. Quem enquadra as cotas? Atores sociais e pacotes interpretativos sobre as ações afirmativas raciais na imprensa. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA, 6., 2015, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 22 a 25 de abril, 2015. Disponível em: <<http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2015/04/GT5-Campos.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2015.
- CARVALHO, C. A. de. Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico. *Contemporanea – Revista de Comunicação e Cultura*, v. 7, n. 2, dez. 2009.
- ENTMAN, R. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, p. 51-18, 1993.
- FISCHER, R. M. B. Uma análise foucaultiana da TV: das estratégias de subjetivação na cultura. *Currículo sem Fronteiras*, v. 2, n. 1, p. 41-54, jan./jun. 2002.
- GAMSON, W; MODIGLIANI, A. Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach. *American Journal of Sociology*, v. 95, p. 1-37, 1989.
- GOFFMAN, E. *Frame Analysis: an essay on the organization of experience*. New York: Harper & Row, 1986.
- HERMANN, J. Mídia e política subnacional na América Latina. In: HERMANN, J.; GUAZINA, L.; PEREIRA, F. (Org.). *Novos questionamentos em mídia e política*. Florianópolis: Insular, 2015.
- INNERARITY, D. *O novo espaço público*. Lisboa: Teorema, 2010.
- McCOMBS, M. *A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- MOTTA, L. G. Ideologia e processo de seleção de notícias. In: MOTTA, L. G. (Org.). *Imprensa e poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- REBELO, J. Apresentação. *Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, n. 6, 2005.
- RODRIGUES, A. D. *Estratégias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1990.
- _____. *Experiência, modernidade e campo dos media*. Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-expcampmedia.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.
- ROTHBERG, D. Enquadramentos midiáticos e sua influência sobre a consolidação de direitos de crianças e adolescentes. *Opinião Pública*, Unicamp, v. 20, n. 3, p. 407-424, dez. 2014.
- SILVA, L. M. da. Sociedade, esfera pública e agendamento. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SORG, B. On-line/Off-line: a nova onda da sociedade civil e a transformação da esfera pública. In: SORG, B.; FAUSTO, S. (Org.). *Internet e mobilizações sociais: transformações do espaço público e da sociedade civil*. São Paulo: Edições Plataforma Democrática, 2015.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

TRAQUINA, N. As notícias. In: TRAQUINA, N. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1999.

VIMIEIRO, A. C.; MAIA, R. C. M. Análise indireta de enquadramentos da mídia: uma alternativa metodológica para a identificação de frames culturais. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 18, p. 235-252, jan./abr. 2011.